

Credores exigem pagamento dos atrasados

Arquivo



Zélia diz que o Plano Collor foi elogiado pelos banqueiros

Nova Iorque — Os banqueiros credores americanos exigem do Brasil o pagamento dos juros atrasados — cerca de US\$ 4,5 bilhões. Em uma série de reuniões que tiveram com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, na suíte Barclay do Hotel Intercontinental, um a um os banqueiros — que as vezes vinham em delegações de três ou quatro — executivos pediram a solução dos juros atrasados antes do início das negociações, que ainda não têm data marcada. Ao saírem do encontro, alguns como o vice-presidente do Citibank, William R. Rhodes, questionavam a estratégia do governo brasileiro. “Não sei nem se eles sabem o que querem negociar”, disse Rhodes referindo-se a idéia de trocar o Comitê Credor por negociações individuais com cada banco.

A ministra da Economia chegou pouco antes das 10h00 da manhã de ontem a suíte do Hotel Intercontinental. Ela estava acompanhada do embaixador do Brasil nos EUA, Marcílio Marques Moreira, e do secretário Celso Vieira de Souza, que tomou nota das conversas com os credores. O primeiro banqueiro a chegar foi Richard Simmons, vice-presidente do Chemical Bank. Percebeu-se que a conversa não tinha sido do seu agrado quando ele saiu do local, meia hora depois: “É essencial um pagamento de parte dos juros atrasados para sentarmos à mesa de negociações. É difícil negociar com tantos atrasados. Já quanto a mudança do Comitê, não seria uma idéia útil, porque o comitê é essencial. Seria contraproducente uma mudança. Em termos de negociações, só no final do verão americano (no final de setembro)”, disse Simmons.

O presidente do Manufacturers Hannover, quarto maior credor do Brasil, John F. McGillicudie, também não gostou do que ouviu. Ele evitou a imprensa e saiu rápido, dizendo que as conversas tinham caráter privado entre ele e a ministra.

Otimismo

A maior delegação foi a do maior credor brasileiro, o Citibank. O vice-presidente do Citi é veterano de sete anos de negociações. William R. Rhodes, encabeçava uma delegação de quatro executivos e foi o que mais se demorou com a ministra, cerca de 45 minutos. Ao sair, Rhodes estava tenso. “Os bancos gostariam de negociar rápido. Falamos sobre os juros e princípios gerais”, disse Rhodes, que acrescentou estar otimista. “Sempre estou otimista como os brasileiros”, brincou.

Foi Robert McCormick, coordenador da dívida brasileira no Comitê, quem se referiu aos juros atrasados. “Já são cerca de US\$ 4,5 bilhões para os bancos comerciais”. Antes do final do encontro com o Citibank chegou o presidente do Chase Manhattan Bank, Willard C. Butcher, que teve que esperar numa sala ao lado enquanto os executivos do Citi concluíam suas conversas. Butcher saiu mais contente que seus colegas. “Ainda não conhecia a ministra. Há uma atmosfera propícia a negociações. Acho que o clima melhorou com relação ao Brasil e poderemos chegar a um acordo, como no caso da Venezuela. Vamos ver nossas melhores opções com relação ao Brasil e ao ‘menu’ de opções”, disse o banqueiro.

Coletiva

Após os contatos com os banqueiros, a ministra, acompanhada do embaixador Jório Dauster, que será o negociador da dívida externa, recebeu a imprensa para uma coletiva “vamos discutir todas as possibilidades antes de vermos os índices para cálculo da inflação”, disse a ministra sobre os diferentes índices de inflação atualmente em vigor no Brasil. Zélia não quis adiantar nada em relação a negociação da dívida: “Estamos tendo os primeiros contatos com os bancos privados e só quando tivermos o orçamento é que saberemos quando e quanto poderemos pagar”.

A ministra estava satisfeita com a rodada de contatos com os banqueiros em Nova Iorque. “Vimos ouvir os bancos comerciais americanos. Os banqueiros nos falaram dos seus problemas com os juros atrasados e a legislação americana. Mas as negociações serão levadas a efeito quando tivermos números factíveis. A preocupação deles com os atrasados é legítima”.

Proposta

Zélia disse ainda que “existe uma proposta concreta e uma estratégia de negociação da dívida externa, mas que será apresentada em primeiro lugar a sociedade brasileira. Estas conversações eram iniciais. Não se tratava ontem de ouvir uma proposta brasileira”. Fazendo um resumo dos dois dias de conversas em Nova Iorque, a ministra concluiu dizendo que “o Plano Collor foi elogiado na medida em que tornará a economia brasileira mais aberta e mais integrada ao resto do mundo”.

O embaixador Jório Dauster, utilizando a linguagem do beisebol, disse que nesta viagem foi feito o “strike one” (primeiro ponto) e depois se seguirão o “strike two” e “balls”. “Esta primeira etapa é um aprendizado. Não há nada certo marcado. Estamos analisando um “menu” de opções, que inclui a conversão de dívida externa em até 40% nas empresas a serem privatizadas e uma solução duradoura da dívida. A partir de agora, fala-se em redução de dívida dentro do Plano Bady e não mais em reescalonamento. É lógico que é impossível negociar individualmente com cada banqueiro. São mais de 400. Mas vamos conversar em Brasília com uma série deles, que serão convidados. Então poderemos montar nossa proposta”, disse Jório, acrescentando que a cifra de US\$ 5 bilhões de juros é uma estimativa, já que “existem restrições no Brasil de caráter fiscal ao pagamento de juros. US\$ 12 bilhões ao ano seria impossível”. (A.E.)